

Tudo se ilumina  
aproximando-se  
aquele que  
busca a luz.

BEN-ROSH



...alumia-vos e  
aponta-vos o ca-  
minho,

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

Órgão da Comunidade Israelita do Porto

DIRECTOR E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)  
Avenida da Boavista 854 — PORTO  
(Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director)

COMPOSTO E IMPRESSO NA Empresa DIARIO DO PORTO, L.d  
Rua de S. Bento da Victoria, 10  
PORTO

# Em Bragança, entre os Maranos

Deixamos o Porto, as suas igrejas douradas, as suas capelas e os seus claustros onde os azulejos, são como uma tapessaria *en camaïeu* dum azul serafico. Deixamos as suas ruas acidentadas por onde passam, altivas e harmoniosas, as mulheres levando carrêtos á cabeça, por onde caminham os carros de bois guiados por homens, de pé, cobertos com capotes escuros.

O [comboio, que nos leva a Bragança, margina o Douro sulcado por caïques e barcos rabêlos. Atravessa bosques de pinheiros mansos e de eucaliptos, vinhas, cuja verdura parece encerrar todo o sol e perfumes de Portugal. Agora, a paisagem torna-se mais severa. Montanhas graníticas, escavadas em degraus onde apenas surgem oliveiras, teem um ar de fortaleza exprimindo a luta do homem contra a pedra.

O nosso companheiro de viagem e ciceroni, o capitão Artur Carlos de Barros Basto, que se bateu em Franca, nas trincheiras do Norte, murmura, indicando-nos os vales rochosos: «E' bem o refugio onde se podiam ocultar os nossos antepassados maranos que fugiam á Inquisição!»

«Maranos, do hebreu *mar* (amargamente) anuss (forçado)», tal é a etimologia que nos dá o capitão: Tenha cuidado, disse ele, em não escrever a palavra com dois rr, o que lhe daria uma significação preparativa, porque marranos em português significa *porco*. Se algum hebraisante contestar a palavra *mar*, adjectivo tomado adverbialmente, mande o ler Isaias... ou mande-o

para mim. Eu me encarregarei de o vencer».

Sim, os Maranos foram *amargamente forçados* ao batismo, na epoca em que o rei D. Manuel desposando a iufanta Isabel de Espanha, se comprometeu, por exigencia dos reis catolicos, á expulsão dos judeus, no prazo dum mês. Esta expulsão teria despovoado e empobrecido o reino de Portugal. Ela transformou-se pois em batismo obrigatorio, o que não impediu, alguns anos mais tarde, as perseguições e os autos de fé.

E chama-se a este contrato de casamento assinado em agosto de 1497, *beijos por lagrimas*. Durante quatro seculos, os pseudo-convertidos iam á igreja, mas continuaram, na sua maior parte, a praticar, na sombra, o seu querido judaismo, se não o faziam integralmente, pelo menos, seguiam os seus principios essenciaes.

Deformados pelo terror, pela pratica exterior do catolicismo, e pelo tempo, os costumes tradicionais contudo sobreviveram. Quasi todos os maranos acendiam a lampada do Shabbath abrigando-a dos olhares inimigos dentro dum vaso de barro; respeitavam o jejum de Kipur e festejavam a Pascoa. Cantavam psalms e diziam orações inspiradas no Antigo Testamento.

Veneravam o Deus de Israel. A reserva mental ficava-lhes coma supremo refugio. Quando eles entravam na igreja, pensavam: —Eu não adoro pau, nem pedra, mas

um só Deus, que tudo governa, e simulando o sinal da cruz, tocavam na fronte, nos lábios e no coração, afirmando baixinho a soberania de Adonai.

Desde que a liberdade lhes é concedida em Portugal, as consciências despertam, os cripto-judeus revelam-se em plena luz. O capitão Barros Basto, filho e neto de montanhese maranos de Amarante, tornado judeu e ardendo de proselitismo, acolhe e favorece esta resurreição. Ele é o mestre, o pregador laico, o animador deste judaísmo renascente. Ele leva-nos hoje a uma das origens principais deste movimento de almas, numa das capitais da provincia de Traz-os-Montes.

Estamos agora encerrados nas gargantas rochosas onde se secam os rios, e, olhando para os cimos deserticos, pensamos no psalmo: «Levanto os olhos para as montanhas: donde me virá o socorro?» O capitão diz: ha lobos por aqui, no inverno, e falava-se ainda não ha muito tempo, de salteadores de estrada.»

\* \* \*

Após 10 horas de trajecto, Bragança apparecia sob a chuva e na noite com alguns telhados onde vacilam luzes. A' nossa chegada, um marano vem-nos saudar no nosso rustico hotel. E' um burguês no qual se nota o tipo semita. Sua mulher ficou catolica. A' volta dos filhos, a familia divide-se e luta. E' um drama de consciências. O capitão ordena ao seu discipulo e mensageiro: «Amanhã á noite, reunião na sinagoga. Mande avisar.» Por falta de recursos, a Comunidade não tem ainda rabbi diplomado.

Despertamos no silencio e no ar virginal das montanhas, com o doce sussurro dum voar de pombas. E eiz-nos galgando as ruas de empedrados desiguais e aguçados, entre casas toucadas de telhas avermelhadas. Nas varandas enfeitadas de colunatas, por detraz de janelas em guilhotina, curiosos se debruçam e espreitam, cabelos crespos, rostos morenos. O capitão diz-nos: «São todos maranos... poucos casamentos mixtos, ha seculos nesta região.»

Caminhamos lentamente, impedidos pela passagem de jumentos carregados de

mólhos de urze e que, por vezes, param no bebedeiro duma fonte. No angulo de uma rua, uma placa indica que nasceu aqui, em 1621, Orabio de Castro, sabio judeu, morto em Amsterdam, em 1687. Foi prisioneiro da Inquisição, professor de medicina em Toulouse e medico do rei de França; regressou oficialmente ao judaísmo e escreveu panfletos violentos contra o catolicismo, um dos quais é uma dissertação sobre o Messias.

Ao longe, de cima da cidadela de estillo mourisco, entre montanhas nuas e contrafortes de Espanha, o capitão indica-nos um cabêço:—E' o *Alto do Sapato* onde se juntavam os maranos, como os huguenotes nas cevênas.

Lá baixo, o cemiterio que, detalhe caracteristico, tem quasi só lages e poucas cruces. Ao som dos chocalhos duns rebanhos de ovelhas e de carneiros, cujo pastor nos saúda gravemente, o capitão explica-uos:—Aqui tudo traz a marca do judaísmo, tudo o recorda, nem que seja por costumes deformados. O mercado realisa-se ao domingo, os homens repousam á segunda-feira, fazem a barba á sexta-feira, vespera do Shabbath. Veja estes mortos caídos no campo da batalha em França. E nós lemos, sobre uma coluna datada de 1928: Sinai de Jesus Gomes, Abilio Augusto Salvador, Augusto Nogueira e outros nomes tais como Henriques Rodrigues, Almeida, que nos são familiares.

De repente somos abordados por um velhinho, cujo desbotado capote de romeira se assemelha a uma levita e que se apoia a uma bengala. Aperta a mão do *senhor capitão*, que cada qual conhece e venera. Os seus olhos piscam de alegria. E' um marano septuagenario, um antigo vendedor de jornais, apelidado o *Sequinho*, que educou nobre e piedosamente o seu filho soldado em Africa. O capitão pede-lhe para nos indicar uma casa onde poderiamos ver uma mulher officiar, porque são aqui as mulheres, quem contrariamente ao judaísmo ortodoxo, perpetuaram a tradição. As nossas primeiras tentativas são infructuosas. Entramos primeiro em casa de uma professora, que nos olha com desconfiança, como reconduzida á epoca das perseguições. Ela defende-se:—as orações, os cantos, ignoro-os. E' minha irmã que

os sabe... minha irmã, que anda em viagem.

Agora, é em casa do shamash, o bedel da sinagoga, muito iniciado, parece, no rito maranico. Mas na sua pequena sala, ela agrupou uma vintena de creanças, que veem aprender costura e leitura. Ela não pode, diante destes alunos, dos quais alguns são cristãos, exhibir o seu caro culto secreto. Ela contenta-se em nos mostrar, ás escondidas, alfabetos hebraicos nos quais os seus filhos começam a decifrar a lingua santa.

Então, vamos mais longe. Desta vez batemos á porta duma casa sordida, cujo odor nos apanha a garganta. Uma mulher idosa, de nariz aquilino, embrulhada num chale poeirento, um velho alto de fato remendado veem ao nosso encontro, na escada tortuosa. Eles desculpam-se: ah! senhor capitão! Senhora! Vossas Excelencias estão em casa de gente muito pobre!

A sala é com efeito lastimavel: três cadeiras, uma mēsa bancal; na alcova, um leito de pomposo ornato, mas que contem apenas uma enxerga. O Capitão pergunta:

—“Para uma correligionaria vinda da longinqua França, quer dizer algumas orações.” Então a mulher cobre a cabeça com um pano branco, que simula o Tallith, o manto ritual; vai misteriosamente buscar a lampada sabática, tão pequena que se diria um brinquedo, e deu-a para as nossas mãos. Depois, ela olha para o oriente. O seu rosto sulcado pela miseria ilumina-se, os seus olhos rolam lágrimas, e, com uma voz tremula, psalmodia:

—A benção que o Senhor votou  
Ao Sol, á Lua e a Jacob  
E a Abraão e a Isac  
E a Santa Sára e Santa Raquel  
E a este povo peregrino...

Quando terminou uma longa e estranha litania que nada tem de ortodoxa, e disse *Amen, Senhor*, o velho apresenta-nos um livro manuscrito, transmitido por seu pae, que foi carteiro, como ele próprio carteiro foi. Folheamos estas orações caligrafadas, descoloridas pelo uso: *Cantico de Moisés, Orações de Judit, de Daniel, de Tobias, do Anjo Rafael, Oração das Ameaças, Oração dos três meninos lançados ao fogo pelo rei de Babilonia*. E todas estas orações em por-

tuguês, inspiradas nos livros apócrifos, misturadas por vezes com formulas catolicas, estão penetradas do terror da Inquisição e a ela fazem alusão, por simbolos mais ou menos velados.

A velha conta: “Os meus pais praticavam aqui mesmo o culto. Nós assentavamos-nos no chão para que os visinhos não nos vissem.”

Como observamos nas paredes algumas gravuras, scenas dos evangelhos, madonas ou santos, o velho abana a cabeça: “Ah! E’ para salvaguardar as apparencias... mas nós não olhamos para elas, eles não são dos nossos.”

O Capitão levanta-se: “Esta noite na sinagoga, não é verdade?” Os velhos prometem: “Oh! sim, nesta noite, com satisfação.” Eles desculpam-se ainda: “Vossas Excelencias estão em casa de gente muito pobre!”

\* \* \*

Nove horas da noite, na sinagoga. Uma escada de madeira, uma sala branqueada de cal, onde sessenta e tal fieis nos esperam. Raparigas, segundo um carinhoso costume, lançam-nos flores. E depois instalamos-nos na sala do oratorio onde arde a *lampada eterna*. Um estrado, alguns bancos, o *hekhal*, que contem as taboas da Lei e que enquadram dois ramos de flores artificiais. Uma mulher abre o armario sagrado, todo forrado de sêda rosa agaloadada de ouro e salpicada de ingenuas florinhas. Como nos espantamos um pouco destes enfeites, que não nos parecem tradicionais, o Capitão sorri: —“Mas o templo de Jerusalem devia ser ainda mais sumptuoso!” Contudo ele faz sinal á mulher para fechar o santuario.

E’ preciso, diz ele, despojar a pouco e pouco o verdadeiro culto dos seus costumes parasitas, que subsistem da mistura das religiões. Isso será o meu trabalho.” O capitão vai pregar e officiar. Olha para as suas ovelhas, á esquerda, os homens, operarios, pequenos burgueses, comerciantes, cultivadores, dois ou três soldados em uniforme, dois ou três estudantes de capa, vindos talvez por curiosidade, A’ direita, mulheres, todas do povo, de lenço na cabeça e cobertas com chales de cõr desbotada como os seus rostos. Algumas jovens mães de tez palida e olhos cavados aper-

tam contra o seio creanças que adormecem. Algumas teem nobres perfis. O capitão fala. Diz a beleza do Antigo Testamento, a potencia da Lei de Moisés, os titulos de gloria do judaismo, que proclama a existencia dum só Deus, a missão do povo escolhido, que não quer desaparecer e que reconstruiu o templo no segredo do seu coração.

Ele pronuncia tambem as palavras de fraternidade e de justiça. Prega a tolerancia: «Os justos de todas as nações teem parte na vida eterna.» Mas afirma que é preciso optar, que aqueles que sentiram despertar neles a fé de seus paes devem ter a coragem de regressar a ela abertamente e de olhar nos olhos dos que não partilham a sua crença.

A sua eloquencia combativa, cada vez mais calorosa impoe-se e inflama o auditorio. Ele fala e sente-se que para ele, a religião é tão esseneial á alma como a subsistencia o é para o corpo. As mulheres escutam-no extaticas. Os homens teem o olhar fixo sobre ele. Termina a sua exhortação por algumas orações hebraicas, porque ele quiere que o hebreu esquecido volte a ser a lingua do culto. E, de repente, canta-se o cantico de Moisés, que é o da libertação de Israel. Os fieis, de pé, entoam o estribilho: «Cantemos hoje ao Senhor, Deus de gloria singular, que o cavalo e cavaleiro lançara no profundo mar.»

Nestas vozes vibra o amargor dos sofrimentos e da opressão seculares, o acobrunhamento da pobreza presente, mas tambem a esperança da patria reencontrada.

E os que escutam crentes ou descrentes, estremecem de comoção perante a fidelidade destas almas que vibram com idealismo imortal dos seus antepassados.

Bragança, 8-outubro-1929.

*Lily Jean Jarval.*

(Trad. do «Univers Isra. lite»)

*Visado pela Comissão  
de Censura*

## O Renascimento Judaico dos Maranos portugueses

Ainda não chegou o momento de escrever a historia do renascimento judaico dos maranos, estando esta grandiosa obra, por assim dizer, ainda em começo...

Contudo uma coisa se pôde já afirmar é que a redenção judaica dos maranos está em marcha e nada a deterá!

Com efeito, a obra de redenção, ou antes, de miraculosa resurreição dos maranos, começada, ha 3 anos, sob a energica e competente direcção do ex-marano capitão Barros Basto, do Porto, apesar de difficil e lenta, progride e desenvolve-se por forma segura e inflexivel.

Quem teria podido imaginar, com efeito, que, apoz 3 seculos de cristianismo implantado e imposto, pelo terror e os autos de fé da Inquisição, os Maranos, ou os descendentes dos nossos irmãos anusim do seculo XV, tivessem podido conservar até aos nossos dias a consciencia, a alma, o tipo e as tradições judaicas, dos seus antepassados?

De resto, em Espanha não subsiste vestigio algum do maranismo ou cripto judaismo, e se ainda em qualquer canto da Ilha de Maillorca se encontram ainda vestigios de descendentes dos maranos, conhecidos sob a designação injuriosa de *chuetas*, já não conservam, na realidade, nenhuma tradição judaica e se alguma coisa se distinguem dos restantes concidadãos cristãos é talvez por um excesso de devoção catolica...

O contrario, contudo, se produziu em Portugal, onde contingentes bastante numerosos de cripto-judeus continuam ainda, em nossos dias, as tradições religiosas judaicas dos seus antepassados.

De resto, esta opposição de fenomenos entre os dois paizes visinhos da Peninsula Iberica explica-se facilmente:

Enquanto em Espanha o édito da expulsão e o exodo da maior parte do judaismo espanhol, da parte que, justamente, estava

mais unida e mais firme na observancia da fé judaica.

Pelo menos trezentos mil judeus deixaram Espanha no prazo de 3 meses prescrito pelo édito dos reis catolicos, e muitos, dos que tinham abraçado a religião catolica para poderem ficar no paiz, tiveram egualmente que fugir do inferno inquisitorial, no decurso de seculos posteriores, para retomarem livremente na Holanda, Italia, Inglaterra ou Turquia a sua antiga fé judaica.

Assim, os que ficaram em Espanha sob a capa do seu catholicismo, vigiados, perseguidos e maltrados pela Inquisição, podem ser considerados como sendo a parte mais assimilada do judaismo sefardi, tendo acabado por desaparecer completamente na massa dos seus concidadãos cristãos.

Não aconteceu assim em Portugal, onde praticamente nenhum exodo de judeus se seguiu ao édito de expulsão de 1496, edito que, de resto, só foi promulgado pelo rei don Manuel contra sua vontade, por condição *sine qua non* imposta e obrigada pela côrte espanhola para o casamento de sua filha Izabel com o jovem rei de Portugal.

O rei don Manoel de Portugal, tendo dado conta do desastre economico que causou a Espanha a expulsão dos judeus, não hesitou em opor-se com todas as suas forças ao exodo de judeus do seu paiz, tendo para isso recorrido a leis iniquas—como o rapto de todos os filhos menores a seus paes judeus para os submeter ao batismo forçado—á astucia, ás boas promessas e por fim á mais repugnante barbaria para obrigar todos os realcitrantes judeus ao batismo e arrasta-los como animaes ferozes para as pias batismaes...

Foi assim, que a quasi totalidade do grande judaismo portuguez ficou no paiz e constituiu a massa judeomarana, fortemente ligada á fé dos seus antepassados, dos quais os cripto-judeus portuguezes actuais são os directos e fieis descendentes.

Durante perto de três seculos a Inquisição (de triste memoria) massacrou, desvastou, as massas indomaveis dos maranos portuguezes, a maior parte dos quais foi completamente exterminada, enquanto uma pequena parte conseguiu evadir-se das sangrentas garras da Inquisição fugindo para a Holanda, França e outros paizes mais liberais e os ultimos sobreviventes escapados

dos brazeiros dos autos de fé ficaram no paiz, sobrevivendo á Inquisição que desapareceu em 1821, enquanto os cripto-judeus portuguezes se conservaram fieis e orgulhosos do seu judaismo até aos nossos dias...

A Inquisição, apesar de oficialmente abolida em Portugal pelas Constituintes de 1821, tinha já sido reduzida á impotencia ainda em 1750, pela mão de ferro do eminente homem de estado portuguez, o grande ministro liberal Marquez de Pombal, ao qual Portugal deve tambem a reconstrução de Lisboa, depois do terremoto de 1755, e a expulsão dos jesuitas...

Foi este eminente ditador liberal portuguez que aboliu todas as leis de excepção promulgadas contra os chamados *cristãos novos* (maranos), tirou á Inquisição o direito de fazer autos de fé e transformou-a em simples tribunal do Estado contra a heresia.

E' a esta epoca, e antes da abolição official da Inquisição, que deve remontar o começo do restabelecimento dos judeus em Portugal; sendo a primeira inscripção tumular judaica dos tempos modernos, que se cohece em Lisboa, de Joseph Amzalaga de 1804 (no cemiterio inglez de Lisboa).

Nesta epoca o cripto-judaismo florescia em Lisboa, e baseando-nos na discripção dada por um viajante judeu inglez, Israel Salomon, que viveu em Lisboa em 1819 (*Records of my family* por Israel Salomon, New York 1878 e *An Unfamiliar Aspect of Anglo-Jewish Aritory* de Frank I. Schechter, A. M. LL. B., publication de the American Jewish Aristorical Society, n.º 25, pag. 63 a 74)

Mr. Solomon cita o caso curioso dum judeu polaco Mr. Philip Samuel de Varsovia que encontrou nesta epoca em Lisboa e que merece ser reproduzido:

«Mr. Phillip Samuel, filho do secretario da sinagoga de Varsovia, era um homem muito erudito em hebreu e um rico comerciante. Habitando Vilna, ocupou-se do comercio de seda, que importou de Dantzig. Para ir de Vilna a Dantzig pelos seus negocios, como na viagem gastava mais que um dia, ele fazia-se acompanhar dum Shohet (Degolador) e dum minian para poder fazer as três orações diarias durante a viagem.

.....  
Mr. Samuel, belo tipo judaico, usava

uma grande barba negra. Nesta época era raro encontrar pessoas vestidas á europêa usando barba.

Tambem, o pobre Mr. Samuel, a bordo do navio que o conduzia a Lisboa, sentia-se inquieto por causa da sua grande barba, com o receio de que a população portuguesa zombasse dele por causa dela, e barbeou-se antes de desembarcar.

Pouco depois lamentou, confessou ele a Mr. Salomon que conheceu em Lisboa em 1819, e sacrificio da sua bela barba, porque encontrou entre os comerciantes de Lisboa numerosos moranos, que, apesar de oficialmente catholicos, continuavam a observar em segredo nas suas familias as tradições da lei mosaica.

Mr. Samuel residiu durante muito tempo em Portugal, onde foi admitido em numerosas familias cripto-judaicas, tanto em Lisboa como na provincia onde passava o verão com a familia dum dos seus amigos cripto-judeus, juiz de paz.

Foi M. Samuel que deu ao seu correli-gionario inglês Mr. Salomon as informações acerca da existencia do cripto-judaismo em Portugal, dizendo-lhe que, em muitas familias, todos são judeus, até as creadas.

E' pois ao nosso judeu polaco Mr. Philip Samuel que cabe a honra de ser o primeiro descobridor de judeus-maranos em Portugal e nós orgulhamo-nos de cem anos mais tarde, ter tido a honra de continuar a obra do nosso compatriota e homonimo Mr. Samuel.

.....  
Foi no ano 1915 que nos foi dado conhecer a primeira comunidade cripto-judaica de Belmonte, vila montanhosa, do distrito de Castelo Branco, e publicamos mais tarde os resultados dos nossos estudos sobre os cripto-judeus portugueses (Samuel Swarz, os Cristãos Novos em Portugal no seculo XX, Lisboa 1925), trabalho que foi dentro em pouco traduzido e publicado pela imprensa mundial, levando assim o problema marano perante a opinião publica judaica.

Em 1926 o eminente historiador e diplomata judeu Mr. Lucien Wolf, delegado pela Anglo Jewish Association e pela Alliance Israelite Universelle, vem a Portugal para estudar o problema marano, estudo

que ele condensou num interessante relatório (Lucien Wolf, Report on the maranos or crypto-Jews of Portugal, London, 1926) que serviu de base para a constituição do Portuguese Maranos Comuitte, de Londres.

Assim a redenção judaica dos maranos portugueses começou, sob os auspícios do Comité Pro-Maranos.

Foi o Porto, capital do norte, que foi escolhida como centro de propaganda judaica entre os maranos.

Uma pequena comunidade judaica ali se tinha fundado sob o impulso infatigavel do ex-marano Capitão Barros Basto, o qual tomou tambem a seguir a direcção da obra de propaganda e de redenção judaica entre os maranos.

Graças á energia indomavel de Barros Basto e á ajuda financeira do Comité de Londres, uma grande Comunidade judaica está a formar-se no Porto, constituída por um grupo sempre crescente de judeus asquenazim e por um, não menos crescente numero de novos proselitos maranos que regressam oficialmente á religião de seus antepassados.

Uma nova e soberba sinagoga está a ser constituída no Porto, que servirá tambem como Bet-Hakeneset, centro de reunião e atracção para os maranos do norte de Portugal.

.....  
.....

Assim tinha-mos razão de dizer no começo deste artigo que a redenção judaica dos maranos está em marcha e nada a deterá!

.....

Lisboa 15-Setembro-1929.

*Samuel Schwarz*

N. R.—Traduzimos estes excerptos dum artigo que o distinto engenheiro de minas, o nosso correli-gionario Sr. Samuel Schwarz enviou á J. T. A. (Agencia Telegrafica Judaica) e do qual teve a gentileza de nos enviar uma copia.

## Vida Comunal

### BELMONTE

Com a idade de 77 anos faleceu a cripto-judia Mariana Raquel Vaz, mãe dos nossos correligionarios José, Antonio e Antero Caetano Vaz, deixou vivos 8 filhos, 20 netos e 11 bisnetos.

A toda a familia enlutada os nossos sentidos pesamés.

Partiram para o Porto afim de frequentarem o Instituto Teologico Israelita os jovens cripto-judeus Antonio Rodrigues e Luiz Rafael Henrique.—(C)

### LISBOA

**Casamento**—Na sinagoga Shaaré Tikvá, rua de Alexandre Herculano 117, na quarta-feira 24 de Heshvan 5690 (27 de Novembro 1929) pelas 13 horas realizou-se a benção nupcial do enlace do sr. David Zagury com a gentil menina Paloma Benoliel, filha do Sr. Rafael S. Benoliel e de sua Ex.ma espôsa Mazal Tob.

Esteve nesta cidade o Sr. Moisés Israel de Sousa Chricha, da Covilhã a fim de conduzir para a sinagoga «Portas da Tradição», o Sepher Thorah, oferecido pelo Sr. Joaquim Sebçg, de Ponta Delgada (Açores). Na segunda-feira, 15 de Heshvan 569 (18 de Novembro de 1929) foi-lhe entregue na Sinagoga pequena de Lisboa o Sepher Thorah com a sua crista e manto e com a yad (mão indicadora). Acompanhou gentilmente o mensageiro da Covilhã, facilitando-lhe a sua missão o nosso correligionario Samuel Sorin.

### PORTO

**Instituto Teologico**—No dia 24 de Novembro deram entrada neste Instituto os jovens cripto-judeus: Manoel Lopes Rodrigues, Arthur Lopes e José Augusto Rodrigues, naturais de Vilarinho (Mogadouro). No dia 28 deram entrada os jo-

vens cripto-judeus de Belmonte: Antonio Rodrigues e Luiz Rafael Henriques. No dia 1 de Dezembro (28 de Heshvan 1590) foram todas recebidas na Aliança de Abraham, recebendo os nomes de Emanuel, Abraham, Joseph, Yomtob e Levi. Bésiman Tob.

Neste primeiro ano os seus estudos constarão do seguinte:

Hebraico. Português, francês, historia, Geografia, Ziturgia e homiletica, musica.

O regimen é de internato. O ensino e alimentação são gratuitos.

**Sinagoga**—Apesar do horrivel tempo que tem feito as obras teem continuado embora lentamente. A parte subterranea (obra de pedreiro) está pronta; presentemente esta-se a colocar a placa de cimento armado, que divide a parte subterranea do primeiro pavimento (rés do chão).

Fizeram donativos para esta obra os Snrs.: D. S. Shellim, de Londres—10 libras—E. Reynaud (não israelita), proprietario da importante luvaria da rua 31 de Janeiro—100\$ e Barros Basto—200\$.

### COVILHÃ

No dia de Kipur na pequena sinagoga *Portas da Tradição* reuniu-se uma quarentena de fieis israelitas em oração. Finda ela e tendo verificado que os seus vãos terrores não tinham razão de existir os assistentes saudaram alegremente o nome do capitão Barros Basto, pela nobre iniciativa que tem levado a cabo, e manifestando todos a sua alegria por terem uma casa para fazerem as suas orações.

Um grupo de jovens judias dirigido pelo Sr. Moisés Israel de Sousa Chicha fizeram uma subscrição para a ornamentação da Area Santa desta sinagoga. Subscreveram os seguintes cripto-judeus e cripto-judias:—Ex.mas Snr.as: D. Leonor Cruz Alves da Silva—20\$00; D. Adelaide Nunes Nonteiro—20\$00; Anonima—10\$00; D. Maria Amelia Fernandes—5\$00; D. Guilhermina Nunes Monteiro—5\$00; D. Aurora da Silva—5\$00; D. Elisa Henriques da Silva—5\$00; D. Beatriz Brandão—2\$50; D. Celeste dos Santos—2\$00; D. Mariana Nunes Ferreira Dou-

rado—5\$00; D. Maria José Gomes—2\$50; D. Tereza Fernandes Duarte—2\$50; D. Maria José da Cunha—2\$50; D. Maria da Conceição de Sousa—2\$50; e os Ex.mos Snrs.: Eernando Henriques Nunes da Cruz — 20\$00; José Rodrigues Marão—2\$50; Mario de Sousa—2\$50; José de Sousa Brandão — 2\$00; Antonio Lopes Russo — 3\$00; Antonio d'Almeida Teixeira — 5\$00; Luiz Mendes—5\$00; José Rodrigues da Silva—2\$50; Manuel de Sousa Chica—5\$00. Total 152\$00.

A Comissão era composta das Ex.mas Snr.as D. Judit de Sousa Chica, Ana da Cunha, Maria de Sousa e Ana Pina de Sousa. Que Deus Bendito as guie para que cada vez mais pratiquem o culto puro da verdadeira Religião, Mãe de outras religiões.

Os donativos das Ex.mas Snr.as Madame Oulman, Madame Gradis e Madame Bensaude tiveram a seguinte distribuição:

Viriato Alegria . . . . .	40\$00
Antonio de Sousa Chica . . .	50\$00
Viuva de José Henriques da Silva	15\$00
Carolina Amelia de Sousa . .	20\$00
Francisca de Sousa (viuva) . .	20\$00
Leonor Mendes. . . . .	15\$00
Ana Mendes. . . . .	15\$00
Maria José da Cunha (viuva). .	15\$00
Maria da Conceição (viuva) . .	15\$00
Antonio Mendes . . . . .	15\$00
Libania da Silva (viuva) . . .	15\$00
Felismina de Sousa Morão (viuva)	15\$00
Candida Mendes . . . . .	10\$00
Felismina de Sousa Saraiva . .	10\$00
Lucia Mendes (viuva) . . . . .	15\$00
Antonio Lopes Russo Junior . .	15\$00
	<hr/>
	300\$00

Que Deus Bendito cubra de felicidades as gentis e bondosas senhoras.

Regressando duma viagem pelo estrangeiro, visitou a nossa sinagoga, onde officiou o sr. Engenheiro Samuel Swarz, digno Presidente da Assembleia Goral desta Comunidade.—C.

## Dos 4 cantos da Terra

**Estados Unidos**—Sua Ex.<sup>a</sup> o Rabbi David de Sola Pool, chefe espiritual supremo da Spanish Portuguese Synagogue na noite de 18 de Novembro passado fez uma notavel conferencia sobre *The Maranos of Portugal*.

Esta conferencia teve logar na Casa Comunal—7 West 83.<sup>a</sup> Street—New York City. As palavras do nobre e erudito rabbi emocionaram a douta assembleia.

O mesmo Rabbi irá fazer outras conferencias sobre a Obra do Resgate em New-York, e em Philadelphia, onde existe tambem uma comunidade de descendentes de maranos portugueses, o presidente desta comunidade é o Dr. Salomão da Silva Solis-Kohen, nome bem lusitano. Que Deus Bendito proteja o bom Rabbi.

•••

## Atenção

No proximo dia 25 de Kislev (26 de dezembro ao pôr do sol) começa a festa de H'anucah (festa dos macabeus) cujos preceitos já foram indicados aqui neste jornal em numeros anteriores.

Aconselhamos aos nossos leitores a compra do «Almanaque Lelo», editado pela Livraria Lelo & Irmão do Porto, onde, além de muitos artigos instrutivos e interessantes, tem o calendario israelita com indicação das festas e jejuns. Este almanaque vende-se em todas as boas livrarias, tanto do Porto como das cidades e vilas das provincias.